



## VICTOR SERPA E A “MANIA DO FOOT-BALL”: O MITO FUNDADOR DO ESPORTE BRETÃO NA CIDADE DE BELO HORIZONTE/MG (1904-1905)

### RESUMO

Tencionamos neste artigo apresentar e problematizar os primeiros movimentos do futebol em Belo Horizonte/MG, a partir da ótica da trajetória de Victor Serpa neste processo, e de como o mesmo se tornou o mito fundador deste esporte na capital mineira. Para tanto, usamos registros da imprensa local, tomando os acervos da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais e da Coleção Linhares como espectro das fontes consultadas. Neste sentido, contextualizamos o momento histórico da passagem de Serpa pela cidade (centralmente o ano de 1904) e o impacto causado pela sua prematura morte (em janeiro de 1905). Por fim, entendemos que a construção do mito fundador encontra indícios importantes que justificam tal elaboração, posto que as fontes revelam que o jovem acadêmico ocupa protagonismo central na introdução do futebol em Belo Horizonte, a ponto da sua morte ter impactado inclusive a continuidade orgânica da prática futebolística na cidade nos anos seguintes.

**Palavras-chave:** Mito Fundador; Futebol; História.

## VICTOR SERPA AND THE “MANIA OF FOOT-BALL”: THE ‘FOUNDING MYTH’ OF BRETON SPORT IN BELO HORIZONTE CITY (1904-1905)

### ABSTRACT

We intend in this article to present and discuss the first steps of football in Belo Horizonte/MG, from the perspective of the trajectory of Victor Serpa, and how it became the founding myth of the sport in the state capital. For this, we use records from the local press, as the collections of the Official Press of Minas Gerais and Linhares Collection. In this sense, we contextualize the historical moment of passing through the town by Serpa (centrally year 1904) and the impact of his untimely death (in January 1905). Finally, we believe that the construction of the foundation myth finds important evidence to justify such an elaboration, since the sources reveal that the young scholar occupies a central role in the introduction of football in Belo Horizonte. His death impacted even the organic continuity of football practice in the city in the following years.

**Keywords:** Founding Myth; Football; History.

**VICTOR SERPA Y LA “MANÍA DEL FOOT-BALL”: EL MITO FUNDACIONAL DEL DESPORTE BRITÁNICO EN BELO HORIZONTE (1904-1905)**

**RESUMEN**

Proponemos en este artículo presentar y discutir los primeros movimientos del fútbol en Belo Horizonte / MG, desde la perspectiva de la trayectoria de Víctor Serpa en este proceso, y cómo él se convirtió en el mito fundacional de este deporte en la capital del estado. Para ello, utilizamos los registros de la prensa local, a través de las colecciones de la Prensa Oficial de Minas Gerais y de la Colección Linhares, como espectro de las fuentes consultadas. En este sentido, contextualizamos el momento histórico de la pasaje de Serpa por lá ciudad (año 1904, principalmente) y el impacto de su muerte prematura (en enero de 1905). Por último, creemos que la construcción del mito fundacional encuentra importantes evidencias para justificar una elaboración tal, ya que las fuentes revelan que el joven académico ocupa un papel central en la introducción del fútbol en Belo Horizonte, por lo que su muerte ha afectado incluso la continuidad orgánica de la práctica del fútbol en la ciudad en los años siguientes.

**Palabras clave:** Mito Fundacional; Fútbol; Historia.

Sarah Teixeira Soutto Mayor<sup>1</sup>  
Georgino Jorge de Souza Neto<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Brasil. E-mail: [sarahtsouttomayor@hotmail.com](mailto:sarahtsouttomayor@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutorando em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professor da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Brasil. E-mail: [netogeorgino@gmail.com](mailto:netogeorgino@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

A construção de mitos fundadores está profundamente arraigada na tentativa de se perpetuar, via personalização heroica, um ideário pertencente a um determinado grupo social (quase sempre estrato de uma elite detentora dos códigos de transmissão). Neste sentido, a chamada “história oficial”, que segundo Vainfas (1997, p. 127) representa uma “história historicizante” marcada por um arcaico, tradicional e pragmático modo de elaboração histórica; bem como a imprensa, tornam-se importantes ferramentas da consecução desta estratégia de convencimento.

O futebol, enquanto uma experiência imersa nos desejos de construção de novas sensibilidades para o Brasil, calcadas, em grande medida, no ideário de modernidade europeia, produziu, convenientemente, os seus mitos fundadores. O mais representativo deles foi o paulista Charles Miller, considerado (por parte significativa da imprensa e pela “historiografia oficial”), o pai do futebol brasileiro. Outrossim, ele não é o único. Cada lugar, com a sua representação particular, fez emergir sujeitos tidos como responsáveis pela introdução do esporte bretão em outras paragens brasileiras. No Rio de Janeiro, por exemplo, coube a Oscar Cox tal reconhecimento.

No entanto, o que aqui nos importa é a contextualização do mito fundador posto sobre a figura de Victor Serpa em relação ao futebol belo-horizontino. Tanto os estudos acadêmicos, quanto a imprensa periódica reportam especial importância à participação do estudante carioca na inserção desta prática esportiva na recém-criada capital mineira.

O que este artigo pretende, pois, é construir uma narrativa que apreenda os sinais que captaram a participação de Victor Serpa no processo de introdução do futebol em Belo Horizonte e de como o mesmo se constituiu no mito fundador deste esporte na cidade, passando à condição simbólica de uma espécie de mártir (por sua prematura morte), que teria inclusive, arrefecido o momento esportivo vivido naquele instante. Para isto, lançamos mão da imprensa periódica local, através dos jornais do ano de 1904 e início de 1905, com vistas à emergência de fontes que pudessem contribuir para a análise e reflexão do tema aqui proposto.

Os locais de acesso a estes periódicos se situaram na Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, responsável pela publicação, à época, do jornal oficial do Estado, o *Minas Geraes*; e também na Coleção Linhares, que abriga um vasto rol de títulos periódicos de Belo Horizonte, entre os anos finais do século XIX e as primeiras décadas do século seguinte.

A Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais foi fundada em 06 de novembro de 1891, destinada a, segundo o próprio texto de apresentação

no site do órgão, “dar transparência às ações dos governantes”. O seu primeiro periódico impresso data de 21 de abril de 1892. O acervo, atualmente, conta com boa parte dos jornais impressos desde a sua fundação, e estão disponíveis à consulta pública.

Já a Coleção Linhares possui uma peculiar história. Joaquim Nabuco Linhares nasceu em Ouro Preto em 1880 e se transferiu para Belo Horizonte quando da mudança da capital. Desde então, lançou-se à tarefa de coletar exemplares de jornais e revistas que surgiram e desapareceram durante o tempo em que residiu na cidade. À medida que reunia as publicações, Linhares se dedicava cuidadosamente à catalogação do material recolhido, descrevendo a sua natureza, formato, propriedade, periodicidade, redação e duração. O material reunido é considerado de “inusitada importância para a memória da cidade e sua imprensa” (Castro, 1995, p. 49). Embora reconheçamos que este tipo de acervo (coleção) possui suas limitações, por representar, via de regra, uma espécie de “seleção de uma seleção”, compreendemos que a sua especificidade, marcada pela variedade de títulos e quantidade de periódicos acumulados em um largo período de tempo, compõe uma significativa possibilidade de registro da memória da cidade.

De uma maneira geral, podemos constatar que parte da imprensa pesquisada ignora a chegada do futebol em Belo Horizonte (muitas vezes, motivada pelo apego a uma linha editorial mais específica), o que não acontece com alguns impressos, que reverberam, com certo entusiasmo, a novidade do “jogo de bola com os pés”, noticiando e dando visibilidade aos meandros das suas primeiras experiências na cidade. Neste sentido, dos 398 periódicos analisados (304 exemplares do jornal *Minas Geraes* e 94 exemplares de títulos diversos disponibilizados pela Coleção Linhares), 35 destes (17 do *Minas Geraes* e 18 da Coleção Linhares) noticiaram e/ou fizeram referências ao futebol. Sobre a Coleção Linhares, elegemos para a composição desse artigo, o periódico *A Epocha*, por constatarmos nele, a quase totalidade de fontes relacionadas ao referido esporte e ao jovem Victor Serpa.

Sobre a perspectiva de se trabalhar guiados pelas fontes periódicas, é importante ressaltar que o uso de jornais como fonte de pesquisas historiográficas se legitima com o reconhecimento da História Cultural como outra possibilidade de se fazer história. Desta forma, é fundamental pensarmos na peculiaridade de manuseio deste tipo de fonte.

Assim, cabe a consideração de Laura Antunes Maciel, ao esclarecer que:

[...] é preciso refletir sobre nossos procedimentos e os modos como lidamos com a imprensa em nossa prática de pesquisa para não tomá-la como um espelho ou

expressão de realidades passadas e presentes, mas como uma prática social constituinte da realidade, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais. Como expressão de relações sociais, a imprensa assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais que se opõem em uma dada sociedade e conjuntura, mas os articula segundo a ótica e a lógica dos interesses de seus proprietários, financiadores, leitores e grupos sociais que representam (Maciel, 2004, p. 15).

Para reforçar os sentidos da representação que pretendemos elaborar, é necessária a apresentação de uma ambiência que permita a aproximação do objeto à narrativa. Desta forma, é preciso entender que o início do século XX é um rico momento de apropriação de uma cultura esportiva no Brasil, percebida, especialmente, nos principais centros irradiadores do tecido urbano, a exemplo da capital federal, o Rio de Janeiro, e da metrópole eferescente, São Paulo.

Para além destas cidades, Belo Horizonte começava a se configurar como um lugar afeito a experiências da modernidade, embora seja necessário considerar que a cidade, recém-inaugurada em finais do século XIX (1897), ainda se esforçava em se apropriar dos códigos que eram veiculados (no contexto dos grandes centros urbanos brasileiros) como símbolo de um *ethos* moderno.

No dizer de Anny Silveira (1996), a construção da capital indicava a vitória do progresso, da razão e da inteligência. Uma grande cidade com grandes possibilidades, voltada para o futuro, o desenvolvimento, o moderno, o cosmopolita.

Neste aspecto, em particular, a historiadora Letícia Julião esclarece:

[...] Obviamente, uma transformação tão radical no modo de vida não ocorreu, em Belo Horizonte, como um passe de mágica. Só lentamente as elites mineiras se adaptaram àquele novo cenário urbano e adquiriram novos hábitos, vencendo suas resistências e desajustes. [...] Mas, apesar das impressões de abandono ou provincianismo, não se pode deixar de admitir que o cenário urbano acabou por inspirar um modo de vida moderno na capital. Processo que, aliás, alimentou-se, justamente, dessas forças ambíguas e paradoxais, originando uma sociabilidade repleta de hibridismos. O desejo pelo novo articulava-se com o apego ao velho, assim como o cosmopolitismo com hábitos e valores tradicionais. Isso sem falar que a capital, ao mesmo tempo em que oferecia

espaços adequados e atraentes para o convívio público, contraditoriamente inibia, com sua “geografia” segregacionista e disciplinadora, a interação entre os indivíduos (Julião, 1996, p. 66).

Assim, os modos de se divertir se redimensionavam na perspectiva de abrigar práticas diferenciadas, notadamente ligadas à vertigem e à exposição pública. Os esportes se tornavam, sobremaneira, um emblemático mecanismo de pertencimento a este novo modelo de convivência social, ainda que atrelado a um grupo distintivo. A sociedade do ativismo, esportiva por excelência, requeria a construção de uma nova consciência, que desembocaria em novos hábitos. O historiador Nicolau Sevckenko (1994, p. 33) aponta indícios deste processo, ao afirmar que “o antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está”.

Na cidade de Belo Horizonte, o futebol se tornou um dos símbolos máximos da incorporação de um ativismo esportivo no começo do século XX, capitaneado por uma restrita parcela da população. Ao menos sob o olhar da imprensa localizada nos acervos acessados, os sujeitos que aparecem nas notas são destacadamente pertencentes ao chamado “escól social”. Sobre isto, o *Minas Geraes* ressaltava este posicionamento, afirmando em uma das suas publicações que, em determinado dia, “foi disputado mais um match de football no campo desta novel sociedade, perante tão numerosa quão fina roda de distintos sportsmen e gentis sportswomen” (*Minas Geraes*, 13/07/1904, p. 6).

Neste contexto, pudemos perceber que as primeiras notas que abordaram a chegada do futebol em Belo Horizonte preservaram a imagem de Victor Serpa como personagem central para a inserção e primeiro desenvolvimento deste esporte na cidade. Para além deste destaque, o próprio Serpa transitava com desenvoltura no meio jornalístico, contribuindo com textos e com editoriais de alguns periódicos, especialmente àqueles capitaneados pela elite acadêmica belo-horizontina. Certamente esta presença constante contribuiu para o impacto que a sua precoce morte causou no seio da sociedade à época (ou em parte desta sociedade, que protagonizava tanto o movimento esportivo quanto as produções periódicas).

Discutiremos, a seguir, as fontes que emergiram na nossa busca, tentando alinhar as vozes que construíram a percepção sobre a construção do mito fundador assentado em Victor Serpa.

## 2 DAS FONTES: A FUNDAÇÃO DE UM MITO

Quando a primeira notícia, verificada no *Minas Geraes*, dá conta da inauguração daquele que

seria o primeiro time/clube organizado da cidade, lá estava a figura do carioca Victor Serpa, devidamente registrada. Nela, lê-se:

“Sport-Club-Foot-Ball” – Fundado nesta Capital no dia 10 do corrente pelos srs. Oscar Americano, presidente; José Gonçalves, thesoureiro; Avelino Souza, secretario; Victor Serpa, capitão e outros. Annuncia a directoria dessa util diversão que, nos dias 14 e 17 do corrente, haverá exercicios praticos no campo (Minas Geraes, 03-04/10/1904, p. 6).

A lógica de uma “útil diversão” (presentes em outras notas do mesmo periódico<sup>1</sup>) já aponta para o sentido de que os esportes, de maneira geral, representavam uma especial reserva da nova conduta esperada e exigida pela ideia de modernidade: o desenvolvimento de um gosto por práticas emblemáticas de uma lógica higiênica, eugênica, além de distintiva. Para além disso, a nota destacava o posto de Victor Serpa (capitão), como representante daquele que melhor dominava os códigos de prática do esporte, como regras e técnicas<sup>2</sup>. E já mostrava o protagonismo assumido pelo estudante.

A pesquisadora Marilita Rodrigues assim se refere à participação de Serpa no processo que originou as primeiras experiências do futebol na cidade:

Essa modalidade esportiva chegou a Belo Horizonte com Victor Serpa, um estudante carioca que estudou na Suíça e veio cursar Direito na capital mineira. As notas cronológicas de Octavio Penna referem-se ao dia 3 de maio de 1904 como o marco dessa introdução, quando foi feito o primeiro ensaio no Parque, em uma de suas alamedas, à direita do portão da Avenida Afonso Pena. [...] A história do futebol no Brasil tem destacado nomes de estudantes brasileiros, filhos da elite, educados na Europa, que, ao retornarem de seus estudos, foram responsáveis pela introdução desse esporte no país. Como a Europa proporcionava uma base educacional que aqui ainda não existia no final do século XIX, os filhos das famílias abastadas, ao buscarem essa educação, aprendiam novas práticas culturais e também suas tradições. Ao retornarem para o Brasil, contribuam para o enraizamento de uma nova cultura e de uma nova civilização, necessárias à modernidade proclamada para recém-inaugurada República (Rodrigues, 2006, p.151).

Outros estudiosos que se debruçaram, de alguma forma, ao estudo histórico do futebol em Belo Horizonte, construíram percepções semelhantes à de Rodrigues (2006). Segundo Couto (2003) Victor Serpa

havia se transferido para a recém-capital mineira com o intuito de se graduar na Faculdade Livre de Direito de Belo Horizonte, e logo se encontrou estabelecido no seio da elite da cidade.

Para Ribeiro (2007, p.51), o futebol belo-horizontino teve como principal incentivador o referido acadêmico, “cujo perfil muito se aproximava do de outros importantes personagens da memória dessa modalidade atlética no Brasil”, como Charles Miller, em São Paulo, e Oscar Cox, no Rio de Janeiro. O autor destaca o círculo social a que Serpa estava inserido, reiterando as próprias características restritivas do meio futebolístico na época.

Além do acadêmico, dentre os sócios fundadores do Sport Club encontravam-se, por exemplo, o funcionário da Imprensa Oficial e tio daquele estudante Capitão Augusto Serpa; o comerciante Miguel Liebmann e o cirurgião-dentista Oscar Americano. Essa constituição dos quadros da agremiação sintetizava o perfil profissional dos seus membros. Todos eles eram pessoas ligadas a um grupo social mais restrito que gozava de algum prestígio na cidade. Esses nomes podiam ser encontrados na constituição de outras associações de destaque na capital mineira, como era o caso de Miguel Liebmann, o qual foi presidente do Club dos Progressistas, grêmio carnavalesco local, assim como participou do Club Bello Horizonte, de caráter social, responsável pela realização de elegantes bailes e festas (Ribeiro, 2007, p.51).

A imprensa, de fato, parecia reproduzir (e reforçar) o entendimento de que o principal responsável pela inserção do futebol no cotidiano local era mesmo Victor Serpa. Em uma seção do periódico *A Epocha*, intitulada “Cousas que implicam” (que reverberava de forma irônica situações e fatos que causavam certo incômodo ou estranheza), o *foot-ball* não passa incólume, devidamente identificado ao sujeito que lhe dava forma e corpo.

Cousas que implicam:

A cornêta do collegio Raposo.

O bigode rapado do dr. Nelson.

Os jornaesinhos sanguesugas.

A unha do sr. Julio Salles.

O féto *nati morti* (?).

A batuta branca do Nicodemos.

O *foot-ball* do Victor Serpa.

Os bigodes do sr. Zé Alves.

O binoculo do camarote da Epocha.

Os vales da prefeitura.

O proteccionismo do dr. Salles.

E... O cupim da Praça da Liberdade (A Epocha, 04/09/1904, p.2).

Percebe-se, na construção textual, que o futebol era diretamente associado a Victor Serpa, oferecendo, pelo menos, duas possibilidades de interpretação: a expressão tanto poderia se referir a um modo específico de jogar de Serpa como, também, a uma ideia de posse marcada pelo uso da preposição “do”, conferindo ao referido estudante o posto de “dono” desse esporte na capital mineira, reforçando o entendimento de que o mesmo foi, de fato, o iniciador dessa prática na cidade.

Assim, impulsionado pelo *Sport Club* e seus denodados incentivadores, outras agremiações esportivas/futebolísticas começaram a emergir em Belo Horizonte, especialmente associadas a um público jovem, via de regra, ligadas ao meio acadêmico e pertencentes à elite econômica e social da cidade. O excesso (aos olhos da época) de futebol e de clubes chega a tal ponto que *A Epocha* denomina este momento como “a mania do foot-ball”, em edição publicada a 30 de outubro de 1904 (p. 2), reverberando a percepção de excedência que começava a se configurar.

No entanto, o aparecimento do novo não se instituiu sem provocar estranhamentos. Se jogar futebol era algo estranho e até mesmo difícil para boa parte das pessoas, o assistir ao jogo também não causava menos estranhezas. A crônica de Spiridiam<sup>3</sup> demarcava claramente esta percepção, ao narrar a sua impressão quando assistiu a uma partida de futebol pela primeira vez:

[...] E a voz de Bicudo surpreendeu-me: - que estás aí a murmurar? Nada!? Pois eu ouvi ... avia-te e vamos assistir a partida de ‘foot-ball’: nunca vi tal cousa. - Nem eu, accrescentei. Quando chegamos ao chamado ‘campo’, fiquei surpreso. Senhoras e cavalheiros lá estavam embevecidos, arriscando commentarios, interessados pelo jogo. Bicudo franziu os supercenhos e eu puz-me a observar. Marmanjos e crianças, todos de bonets e calções, as pernas nuas do joelho para baixo, calçados com sapatões de turco, atiravam pontapés numa bola que andava de Herodes para Pilatos. Momentos depois passou perto de mim um ‘foot-baller’ e eu pude ver-lhe as truculentas barrigas das pernas com cada mancha assim de sinapismo... Não me contive e chamei a atenção do Bicudo. O insigne mestre ria

erdidamente, achando tudo aquillo tragico e comico ao mesmo tempo, e sem perceber, instinctamente repetiu o conceito de D. Quitéria: - Neste mundo ha cada uma... - Que até parecem duas -, acabei eu (*A Epocha*, 20/11/1904, p. 2).

Este olhar estranhado reflete o impacto que uma série de “novidades” (hábitos, comportamentos, espaços, tecnologias) causava na sociedade horizontal à época. Para além do futebol, todo um contexto de transformações ia se adensando no horizonte do cotidiano. Neste sentido, o esporte (enquanto manifesta estratégia de educação de uma nova sensibilidade) se tornava mais um, dentre tantos elementos, que tencionavam promover uma passagem de um tempo a outro.

Para além dos incentivos (pautados na ideia de uma útil educação para o corpo) e dos estranhamentos, o discurso contrário ao futebol também se apresentava, embora menos comum. Intelectuais e literatos assumiam posicionamentos de oposição ao esporte e ao futebol, acreditando que esta prática não teria o caráter formador do espírito elevado que, por exemplo, as palestras literárias desenvolviam. Um dos cronistas do jornal *A Epocha*, que assinava com o pseudônimo de Pan d’Ega, escreve um texto que bem demonstrava o descontentamento do mesmo com o crescente aumento do interesse pelo futebol:

Quem me aplacou os nervos foi o Lucio que eu via approximar-se, calmo e pensabundo, como no dia em que o apresentei ao leitor. Abracei-o numa irrefreável expansão de allivio, certo de que, como eu, tambem elle malsinaria o morbus invasor. Interroguei-o sobre a politica internacional de que elle dava tão detalhadas noticias; mas, com grande espanto meu, retrucou: - Não leio mais jornaes. Tenho agora melhores occupações. - Que dizes? perguntei desconfiado. Lucio recuou um passo, arregaçou até ao hombro direito a manga do casaco, e, enrijando o biceps, com o braço em angulo, falou: - Olha este muque. Entrei para o ‘José de Alencar foot-ball- club’. Estendi-lhe a mão afflictiva que elle apertou, achando-a fria, e fugi (*A Epocha*, 12/02/1905, p. 1).

O mesmo periódico, na sua edição de 16 de outubro de 1904, faz uma possível referência à Victor

<sup>1</sup>Destacamos também esta, do mesmo ano: Este genero de diversão sportiva, que ultimamente tanto incremento tem tomado no nosso meio, allia em si o util ao agradável, pois ao mesmo tempo que dá força ao corpo, concorrendo assim para a perfeição da especie, é um elemento de distracção para o nosso publico (*Minas Geraes*, 24/11/ 1904, p. 6).

<sup>2</sup>Nos momentos iniciais de introdução do futebol no Brasil, a figura do capitão possuía uma conotação um pouco

diferente da atual: era destinada àquele que, de fato, possuía mais domínio sobre o esporte, em seus quesitos teóricos e práticos. Representava uma posição de destaque que denotava certo poder sobre os códigos de jogo.

<sup>3</sup>Pseudônimo de um popular cronista da época, possuidor de um estilo provocativo e sarcástico.

Serpa, àquele que, no entender da nota, teria sido o principal responsável pelo aparecimento do futebol na cidade. Para o jornal, ele representava o ideário esportivo (posto no incentivo da prática do futebol) harmonizado com a ambiência da modernidade, necessária à superação do atraso e do provincianismo do povo mineiro e horizontino. Com versos irônicos (que sinalizavam um misto de estranhamento e incômodo), a nota assinada por Timour, destacava:

Vive a ensinar o jogo estúpido das bolas,  
Nas praças, nos cafés, nas ruas, nas escolas;  
E quando alguém se espanta ao ver os seus calções  
Exquisitos demais, sem ligas, sem botões,  
Elle fica sem graça e diz muito apressado:  
‘É preciso educar o povo atrazado!’  
‘Na Europa – norte a sul – não se encontra um logar  
Onde o povo não saiba as bolas atirar;’  
‘E eu vou contar um caso explendido a respeito...’

E logo vem um caso intermino e sem geito!  
Já jogou com Loubet as bolas de manhan,  
E de tarde fez verso ao lado de Rostand  
Affirmam que elle é todo um monte de borracha,  
Pois sempre cae no chão e nunca se esborracha!  
Quando joga no Parque a pela, exposto ao Sol,  
Parece resumir o medonho *foot-ball!* (A Epocha, 16/10/1904, p. 2).

A figura 02 ilustra a ambiência do contexto que a narrativa aqui se propôs a discorrer. A foto do Sport Club, com a central figura de Victor Serpa, reforça imageticamente a sua atuação e envolvimento:



**Figura 2** – *Sport Club* em 1904. A partir da esquerda estão 1. Jordão Caíres; 2. [...]; 3. Augusto Pereira Serpa; 4. Virgílio Fabiano Alves; 5. Dr. Oscar Americano, 6. José Gonçalves; 7. Avelino Rodrigues; 8. Antônio Nunes de Almeida; 9. Francisco de Assis das C. Rezende; 10. Abel Horta Drumond; 11. Victor Serpa está assentado com a bola aos pés; 12. Viriato Mascarenhas; 13. Tomé Andrade; 14. Joaquim Brasil; 15. Joaquim Roque Teixeira; 16. Miguel Liebman; José Mariano de Sales; 18 [ ]; 19. Antônio Mascarenhas.

**Fonte:** Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto.

### 3 A MORTE DE SERPA: O NASCIMENTO DE UM MÁRTIR DO FUTEBOL BELO-HORIZONTINO?

À parte e para além da constatação da fundamental participação de Victor Serpa para a introdução do futebol em Belo Horizonte, fato é que o mesmo se tornara importante personagem no cenário social da cidade. Em muitas ocasiões seu nome emergia nos periódicos locais (em uma ocasião, inclusive, na seção que noticiava chegadas e partidas

de personalidades, notadamente do campo político e artístico). O jornal *A Epocha* chegou a anunciar, em uma de suas edições, a participação de Serpa como escritor de um novo periódico:

Em consequência desse movimento progressivo e animador para a intellectualidade mineira, brevemente sahirá á luz nesta Capital *A Semana*, periodico monarchista, sob a direcção do talentoso



acadêmico, escriptor e loureado poeta Victor Serpa (A Epoque, 04/09/1904, p.2) <sup>4</sup>.

Filho da elite, Serpa cumpriu o papel que lhe coube: o de incorporar a lógica do mito fundador. A tal ponto que, em janeiro de 1905, ao morrer prematuramente, vítima de uma gripe enquanto passava férias no Rio de Janeiro, enlutar a capital.

A imprensa reverberou com destaque o passamento do jovem Serpa. O periódico aqui analisado, na sua edição de 22 de janeiro de 1905, registrou com profundo pesar a notícia. Pela importância da nota na compreensão da lógica que pretendemos propor, a transcrevemos na íntegra:

Acaba de falecer na Capital Federal, victimado por uma gripe, o talentoso moço Victor Serpa, que cursava com brilho a nossa Faculdade, tendo feito com excellentes notas os exames do segundo anno. Não é notícia que passe despercebida a que enluta esta columna. Pesa-nos profundamente traçar estas linhas; pois além da camaradagem acadêmica que nos ligava a Victor Serpa, pelas qualidades de que era dotado, cultura de espírito, distinção de maneiras, amenidade de trato, finura em tudo, apraziamos vel-o generoso, bello de alma e coração, interessando-se em todos os movimentos da nossa mocidade, e com o seu destaque próprio. Si na Academia foi o collega dignificador pelo trabalho simples e fecundo, pelo brilho natural de um cerebro equilibrado, gozando do apreço de todos, foi o conversador apurado, o espirituoso animador das boas rodas, malicioso sem espinhos, narrando sempre o caso com graça. Deu base solida, entre nós, ao foot-ball. O pesar que todos sentimos, os que tivemos em Victor Serpa um companheiro e um collega, dá bem a medida do luto que a sua morte prematura nos lançou. Apresentamos pesames a sua familia, e a essa geração que vinha acompanhando os seus triumphos de jovem estudioso (A Epoque, 22/01/1905, p2).

Este primeiro trecho da nota dá ênfase à participação do jovem Serpa na vida social, especialmente, o seu envolvimento no meio acadêmico. Mas um importante destaque é revelador dos indícios que contribuíram para a consolidação da imagem do mito: a referência ao fato do estudante de direito ter dado as bases sólidas para a prática do futebol. No entanto, a nota segue, num segundo momento, com as apresentações de luto de várias

entidades, destacadamente esportivas/futebolísticas, o que demonstra o profundo envolvimento de Victor Serpa com o movimento de introdução do futebol na cidade. Assim, finaliza a nota:

Victor Serpa era presidente do Instituto Academico, e para esse cargo fora eleito em assembléa geral em novembro de 1904. Os academicos Ataliba Salles, Alvaro de Senna Valle e Julio Lemos farão celebrar missa do 70 dia por alma do saudoso collega. O Athletico-foot-ball-club de que Victor Serpa era presidente, tomou lucto por 8 dias e fará rezar missas amanhã por sua alma. Ainda o Athletico telegraphou à familia enviando pezames, e mudou o nome para Viserpa-foot-ball-club. O Sport club tem acompanhado a todas as manifestações de pesar, e por sua vez telegraphou à familia do inditoso morto. O Juvenil e Plinio-foot-ball-club têm prestado as mesmas homenagens. Os seus collegas da Faculdade de Direito farão celebrar missas, assim como farão o mesmo os socios do Instituto Academico (A Epoque, 22/01/1905, p.2).

As solicitações de pesar indicam o grau de penetração que Serpa possuía no seio do introdutório universo futebolístico de Belo Horizonte. Além de incentivador da primeira equipe da cidade (Sport Club), presidia também outra importante agremiação da época, o Athletico Foot-Ball Club. Todos estes elementos reforçam o entendimento posto sobre Victor Serpa de mito fundador do futebol belo-horizontino. Sobre essa noção fundante, vale ressaltar que a viabilidade das análises sobre os modos de subjetivação, como chama a atenção Souza (2004, p.5), são:

[...] orientadas pelo pressuposto da cena fundante e do mito, pois as representações produzidas associam-se àquelas elaboradas sobre sua própria origem, desempenhando importante papel na constituição de sua subjetividade. Entretanto, por outro lado, essa abordagem, ao entender o passado como uma construção a posteriori, elaborada com o objetivo de responder ao irrespondível – a origem – aposta no entendimento da cena originária como mítica. Nesse caso, ocorre a cristalização da representação da cena fundante, com o estabelecimento de um sentido único a esse fato.

<sup>4</sup> Nesta nota vale ressaltar as contradições e ambiguidades presentes nos projetos e nos entendimentos de modernidade belo-horizontinos. O recente ideário republicano, um dos símbolos do “moderno”, ainda se mesclava com a proposta

monarquista, cunhada, aqui, por um jovem que estudou na Suíça (Estado Federal desde 1848) e que trouxe consigo, outros códigos daquele e de outros países europeus que se distanciavam da velha monarquia brasileira.



Neste sentido, a representação que fazemos emergir das fontes não corresponde ao passado, tal qual foi um dia. Mas entendemos que a elaboração do mito fundador de Serpa possui os seus importantes indícios. Por outro lado, queremos propor que a sua morte tenha contribuído para o reforço deste imaginário, e mais que isto, que a mesma tenha sido motivadora do arrefecimento que o futebol sofreu nos anos seguintes (o que apontamos como sua condição de mártir, também fomentada, fortemente, pela precocidade da morte). Não conseguimos precisar a idade exata com que Serpa faleceu, mas é possível inferir que, à época, era considerado jovem, pela própria referência dos jornais a uma morte prematura. Também, o fato de ser um acadêmico, pode reforçar tal hipótese.

Para ilustrar a situação vivenciada pelo futebol no período que sucede a morte de Victor Serpa, fizemos uma análise da quantidade de notas publicadas sobre este esporte no periódico “Minas Geraes”, nos anos de 1904, 1905, 1906 e 1907, nos exemplares disponíveis no acervo da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. Assim, obtivemos o seguinte resultado: em 1904 (ano que Serpa e seus colaboradores fundam o Sport Club Foot-Ball) foram encontradas 17 referências sobre esta prática; em 1905 (ano da morte de Serpa), encontramos um pequeno aumento no número de aparições com o tema futebol, totalizando 19 considerações<sup>5</sup>. Em seguida, notamos, de fato, um importante decréscimo das notícias sobre o esporte bretão nas páginas do periódico oficial. Já sem o envolvimento denodado de Serpa, o ano de 1906 registra 5 notas que tratam do futebol na cidade; em 1907, no entanto, nenhuma referência foi encontrada, o que sugere que a morte de Victor Serpa possa ter influenciado, sobremaneira, no desencanto esportivo/futebolístico que verificou-se a seguir.

Sobre este momento, Rodrigues (2006, p. 164) discorre:

*O football, apesar da efervescência vivida nos primeiros anos, também entrou numa fase de declínio. Os anos de 1906 e 1907 foram marcados pela ausência quase total de notícias sobre ele, momento em que as atenções da cidade se voltaram para o Prado Mineiro, com a implantação do turfe na cidade.*

No entanto, entendemos que apenas o aparecimento do turfe em 1906 seria fato insuficiente para tamanho decréscimo de entusiasmo localizado no futebol. E que, a ausência de Victor Serpa também tenha causado significativo impacto para tal cenário. A mesma autora, em outro momento, destaca que:

O que marcou esses anos iniciais foi o papel desempenhado por Victor Serpa na difusão do football em Belo Horizonte como um esporte de elite, envolvendo pessoas representativas na cidade, comerciantes, universitários e ginásianos na criação de times que vivenciaram uma verdadeira “mania” de futebol na cidade, mas que tiveram vida efêmera (Rodrigues, 2006, p. 168).

Inegavelmente, entendemos que Serpa participa de dois momentos distintos nos movimentos iniciais do futebol na cidade: primeiro, ao representar a figura que incentiva e promove o desenvolvimento do gosto esportivo (destacadamente o futebol), configurando uma primeira organização da prática, com a fundação de clubes e ocorrência de campeonatos. Num segundo instante, com a sua morte, o jovem Serpa (ou a sua ausência), contribui para o “esfriamento do gosto”, com a extinção das outroras entidades clubísticas e, conseqüentemente, do enfraquecimento da dinâmica que avivava o futebol.

Aqui entendemos que mito e mártir<sup>6</sup> se completam. O mito, àquele que se torna o grande e principal responsável pela fundação do futebol e dos seus códigos de pertencimento em Belo Horizonte. O mártir, àquele cuja morte reforça o sentido do mito, impactando o próprio projeto de continuidade do futebol, posto que o mesmo se fragiliza nos anos seguintes ao seu falecimento (entre os anos de 1906 e 1907, sobretudo).

#### 4 À GUIA DE CONCLUSÃO

Em um trabalho historiográfico não é possível o estabelecimento de uma ideia hermeticamente conclusiva, mesmo tendo sido realizado a partir de uma ampla gama de fontes. Ainda que tratadas e analisadas com o devido rigor, as fontes permitem apenas a tessitura de uma representação possível. Neste sentido, chegar a uma única conclusão,

Serpa é tão profundo para o movimento futebolístico da cidade (dentre outros) que a sua figura passa a representar e encarnar determinados ideais (sobremaneira àquele assentado no futebol como prática socialmente importante), com uma forte carga emotiva, capaz de estabelecer um vínculo duradouro (mesmo com o curto período de tempo que compõe a sua passagem por Belo Horizonte) com as raízes do futebol na cidade.

<sup>5</sup> No geral, estas referências tratam de notícias sobre marcações de jogos e realização dos mesmos. Por comporem, em sua maioria, pequenas notas informativas com conteúdos muito parecidos, optamos em trazer apenas algumas para o texto, inseridas no decorrer da narrativa.

<sup>6</sup> Tomamos a ideia de mártir aqui não no seu sentido literal (aquele ou aquela que morre lutando por uma causa). Associamos, analogamente, que o impacto da morte de

ou a uma verdade absoluta, torna-se muito perigoso, visto que o passado, em certo sentido, é inapreensível.

Assim, o que foi possível perceber é a enunciação, via imprensa periódica, de dois bem delineados movimentos, relativos à participação de Victor Serpa quanto ao processo de introdução do futebol na cidade: 1) atuação ativa do jovem acadêmico, ensinando regras do jogo, promovendo encontros de exercícios futebolísticos na cidade, incentivando a fundação de clubes e da organização de campeonatos. Ou seja, uma participação que lhe garantiu a atribuição de mito fundador; 2) a partir da sua morte, a ocorrência de um arrefecimento quanto ao desenvolvimento da prática futebolística, com pouco destaque dado pelos periódicos a este esporte nos anos que se seguiram ao seu falecimento (o que propomos como um momento que, analogamente, o alça à condição de mártir).

Importante também destacar o papel e o potencial dos acervos acessados, quanto às possibilidades de investigação acadêmica, sobretudo no campo da historiografia, para estudos que tencionam dar centralidade aos esportes, de maneira geral, e ao futebol, especificamente.

Desta forma, pretendemos que esta investigação inicial possa tecer diálogos com outros estudos, no intuito de se compor um cenário mais claro de entendimento das percepções e sensibilidades estabelecidas a partir da chegada do futebol na capital mineira, sobretudo ao debate que se situa no entorno da construção dos mitos fundadores desta prática, nos anos iniciais do século XX, no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- Castro, M. C. (1995). Estudo crítico e nota biográfica. In: J. N. Linhares. *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895 – 1954*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Editora UFMG.
- Couto, E. F. (2003). *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*. Dissertação de Mestrado, Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil.
- Julião, L. (1996). Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920). In: E. F. Dutra (Org.). *BH: horizontes históricos* (pp.66-67). Belo Horizonte: C/Arte, pp.49-118.
- Maciel, L. A. (2004). Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: D. R. Fenelon; L.A Maciel; P.R. Almeida; Y.A. Khoury, (Orgs.).

*Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d’Água, pp.14-40.

- Ribeiro, R.R. (2007). *A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil.
- Rodrigues, M. A. A. (2006). *Constituição e enraizamento do esporte na cidade - Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894- 1920)*, Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil.
- Sevcenko, N. (1994). Futebol, metrópoles e desastinos. *Revista Dossiê USP – Futebol* (22), 30-37.
- Silveira, A. J. T. (1996). *O sonho de uma petite Paris: os cafés no cotidiano da capital*. In: E.F. Dutra, (Org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, pp.128-153.
- Souza, M. (2004). Mito fundador, narrativas e história oficial: representações identitárias na cultura brasileira. In: *Congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais*. Coimbra, Portugal, pp.1-14.
- Vainfas, R. (1997). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus.
- FONTES**
- A Epocha* (1904, setembro 4). Belo Horizonte, p.2.
- A Epocha* (1905, janeiro 22). Belo Horizonte, p.2.
- As farpas (1904, novembro 20). *A Epocha*. Belo Horizonte.
- Cousas que implicam (1904, setembro 4). *A Epocha*. Belo Horizonte, p.2.
- Fagulhas (1904, outubro 16). *A Epocha*. Belo Horizonte, p.2.
- Fagulhas (1904, outubro 30). *A Epocha*, Belo Horizonte, p.2.
- Minas Geraes (1904, julho 13). *Seção Festas e Diversões*. Belo Horizonte, p.6.
- Minas Geraes (1904, outubro 03/04). *Seção Festas e Diversões*. Belo Horizonte, p.6.

Minas Geraes (1904, novembro 24). *Seção Festas e Diversões*. Belo Horizonte, p.6.

Semanaes (1905, fevereiro 12). *A Epocha*. Belo Horizonte, p.1.